

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30

TIPO DE
 VEÍCULO: Colunas
 VEÍCULO: Aí vem a literatura
 COLUNISTA: de Cordel de
 PÁG. Zona Sul
 DATA: 01 / 01 / 1976

AÍ VEM A LITERATURA DE CORDEL DA ZONA SUL

por Paulo Coelho

fotos de Sissi MacDowell

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

-
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30

Prezados irmãos do norte
 Duçam bem o que lhes digo
 Nasci no Rio de Janeiro
 Sou um carioca amigo
 Se meus versos são errados
 Peço não fiquem zangados
 Nem se aborrecam comigo.

(Paulo Teixeira de Souza, cantador
 de cordel)

No dia 25 deste mes, a Zona Sul estará sendo palco de um acontecimento inédito. Neste dia, no Luna Bar - reduto dos intelectuais cariocas - Paulo Teixeira de Souza, repentista de 48 anos e "um dos poucos poetas do Brasil a viver da sua poesia", conforme ele mesmo declara, estará lançando o seu livro "A Vida do Operário e do Nordestino no Rio". Com isto, Paulo inaugura oficialmente a literatura de cordel urbana, tratando de temas específicos das grandes cidades e de ~~representa~~ sua população.

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

9

1 Paulo Teixeira ^{de Souza} ~~da Costa~~, "O Trovador", conforme
 2 é chamado pelos seus amigos, nasceu no Leblon "quando ainda era areia
 3 pura", ele conta. Durante dez anos de sua vida trabalhou como padeiro,
 4 mas a vista começou a fraquejar e ele teve que abandonar a profissão.
 5 Passou a viver de pensão do INPS, mas não se conformava com sua
 6 inatividade:

7 - O homem precisa estar sempre criando alguma
 8 coisa, transformando dentro de si mesmo a matéria prima que é a na-
 9 tureza - explica Paulo. - Eu ficava em casa o dia inteiro, cuidava
 10 dos meus cinco filhos, mas comecei a ficar maluco porque não fazia
 11 nada de verdadeiramente importante. Passei a ter constantes mêdos,
 12 insônia, ficava irritado com qualquer coisinha. Foi nesta época que
 13 eu comecei a sentir a arte. Sabe de uma coisa, todo o homem é artista,
 14 mas poucos tem chance de sentir esta arte dentro deles. E eu fui
 15 um dos privilegiados.

16 Paulo diz que a arte vinha "como uma onda, me
 17 fazendo vibrar com as coisas mas me deixando mais agoniado ainda"
 18 porque eu não sabia me expressar." Foi então que, para sentir-se o-
 19 cupado com qualquer coisa, passou a guardar carros. Ia todos os dias
 20 para a lanchonete Bob's, em Ipanema, e ficava tomando conta dos au-
 21 tomóveis. "A grande cidade, os homens que conheci, o movimento das
 22 ruas, tudo isto agia em mim de uma forma toda especial. Mas eu não
 23 sabia o que fazer, como é que ia transformar aquilo em arte. Eu sabia
 24 apenas que existia arte, e arte servia para o ser humano desabafar e
 25 para tornar mais bela a vida dos outros", declara Paulo Teixeira de
 26 Souza. Até que um companheiro seu, que trabalhava numa obra perto
 27 do local onde Paulo guardava carros, emprestou-lhe uma coleção de
 28 literatura de cordel para ele.

29 A literatura popular, ou de cordel, nasceu no
 30 nordeste, onde os cantadores repentistas, que faziam versos em função
 dos acontecimentos do lugar, resolveram editar suas cantigas. Para
 isto, fundaram editoras e imprimiam seus versos, que eram vendidos
 nas feiras, preso por pregadores de roupa num cordel estendido entre

1 duas estacas. Desta curiosa forma de vender livros veio o nome que
2 popularizou os versos editados: "literatura de cordel".

3 Paulo Teixeira da Costa teve imensa dificuldade
4 em ler o primeiro volume da coleção que conseguira emprestado, já que
5 tinha cursado apenas até o segundo ano primário. Mas foi naqueles li-
6 vros que ele vislumbrou pela primeira vez uma forma de expressão que
7 atingia a si mesmo e ao público:

8 - Naqueles livros eu descobri tudo que eu sen-
9 tia e não conseguia explicar, eu compreendi que havia outra forma de
10 arte além da música que conseguisse expressar o sentimento do homem
11 comum. Eu já tinha feito uma breve incursão no terreno musical, já
12 que eu tinha que acabar de uma vez por todas com aquela angustia que
13 eu sentia quando via as coisas e a natureza. Em 1967 inscrevi um
14 samba para concorrer no Concurso de Sambas Enredo do Império Serrano.
15 Perdi o concurso mas não perdi a esperança, e durante cinco anos
16 resolvi insistir. Eu apresentava meu samba e era derrotado. E desta
17 forma nunca conseguia participar de uma verdadeira manifestação ar-
18 tística popular.

19 Com a descoberta da literatura de cordel, Paulo
20 Teixeira de Souza descobriu também uma arte onde não era forçado a
21 competir com ninguém, onde podia ele mesmo criar a infra-estrutura
22 editorial para que sua expressão artística ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ tivesse
23 resultado. Resolveu então fazer sua primeira experiência de cordel.
24 Comprou, com o dinheiro ganho no estacionamento, um dicionário e de-
25 corou as palavras mais bonitas.

26 - O principal na literatura de cordel - explica
27 Paulo Teixeira de Souza - é o vocabulário que o poeta usa. Tem que ser
28 ao mesmo tempo popular, para que todos compreendam, mas também tem que
29 ter uma certa erudição, para que as pessoas dêem valor ao trabalho.
30 Outro detalhe muito importante para quem faz poesia, é obedecer com
certo rigor a métrica dos versos. Mas o sucesso não depende nem da
métrica nem do vocabulário; o povo muitas vezes consagra uma obra
que tem uma métrica ruim e um vocabulário limitado. O sucesso depende

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

OBS:

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

1 de uma coisa só: do sentimento do poeta.

2 A primeira experiência de Paulo Teixeira de
3 Souza na literatura de cordel foi um livro até hoje inacabado, con-
4 tando a história de sua vida, chamado "Os Dramas da Vida de um Trova-
5 dor Urbano". O livro está hoje com 135 páginas manuscritas, o que é
6 muito pouco comum em literatura de cordel, cujo número normal de pá-
7 ginas não ultrapassa a doze. ~~faz~~ Mas Paulo Teixeira quer ser exato
8 e completo no que escreve, e explica:

9 -Quero contar detalhadamente ano por ano da
10 minha vida, desde que nasci, em 1928, até os dias de hoje. Ainda
11 faltam vinte e um anos para serem cantados, e por causa disto não
12 editei até hoje o livro.

13 Mas foram estes versos que porporcionaram a
14 Paulo Teixeira de Souza a entrada no mundo dos cantadores de cordel.
15 Imediatamente juntou-se com outros dois poetas urbanos, Flávio Fer-
16 nandes Moreira, um motorista de ônibus que resolveu lançar um livro
17 contando os dramas do motorista, e um operário de obra, João José dos
18 Santos, conhecido pela alcunha de "Azulão". "Azulão" ficara famoso
19 quando resolveu aceitar um desafio de viola (espécie de música feita
20 a quatro mãos, com os versos sendo elaborados na hora, e perdendo a
21 peleja aquele que não conseguir continuar a fazer versos) contra um
22 popular cantador que chegara do nordeste, Palmeirinha. Os dois se
23 reuniram no Largo do Machado, e Palmeirinha cantava as vantagens do
24 homem casado, enquanto "Azulão" tinha o encargo de defender o soltei-
25 ro. A peleja durou horas, transferiu-se no meio da noite para a fave-
26 la da Rocinha, foi assistida por centenas de espectadores, mas termi-
27 nou empatada. Com isto Azulão ganhou fama e um programa junto do ra-
28 dialista Almirante, que ouvira falar do desafio. Os temas de "Azulão",
29 entretanto, limitavam-se a assuntos nordestinos, até que, reunido com
30 Paulo Teixeira ^{de Souza} ~~de Costa~~ e Flavio Fernandes Moreira, começaram a fazer
versos sobre acontecimentos das grandes cidades. Estava inaugurado
o cordel urbano.

REPÓRTER

OBS:

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

5/

1 - Azulão editou logo dois livros que fizeram
 2 grandex sucesso e que tratavam de temas daqui deste lugar: "A Fera
 3 da Penha", onde contava a história de Neide, que seqüestrou e matou
 4 a menina Tânia; e "A Morte de Roberto Silveira", narrando os feitos
 5 do ex-governador fluminense, e mostrando em detalhes sua queda de
 6 helicóptero e seu fim. Eu, para não ficar atrás, lancei meu primeiro
 7 livro, "A Tragédia de Guapimirim".

8 Neste livro, Paulo Teixeira de Souza descreve
 9 a história verídica de uma festa religiosa no rio que banha a cidade
 10 de Guapimirim, quando o povo que rezava foi surpreendido por uma sú-
 11 bita inundação vinda das cabeceiras do rio, e onde morreram dez pes-
 12 soas. A vendagem atingiu a "cinco milheiros", nas palavras de Paulo
 13 Teixeira.

14 Atualmente, Paulo trabalha 24 horas por dia
 15 em sua obra poética. Mas diz com orgulho que é "um dos poucos escri-
 16 tores e poetas do Brasil a viverem exclusivamente do ~~seu~~ dinheiro
 17 de sua arte". O esquema de ~~seu~~ edição e distribuição da literatura de
 18 cordel nas grandes cidades, no entanto, é tão artesanal como no seu
 19 lugar de origem, o nordeste. Um autor escreve sua poesia, que geral-
 20 mente aborda um tema de repercussão popular, obedecendo às seguintes
 21 normas literárias: versos de oito sílabas, estrofes de sete versos,
 22 e rimas nos versos pares. Depois de feito o poema, o próprio trova-
 23 dor procura a gráfica e financia a edição do seu livro.

24 Uma tiragem de 2.000 exemplares, a tiragem co-
 25 mum de um livro de cordel, sai para o seu autor por R\$ 2.600,00 in-
 26 cluindo o clichê da capa, que é geralmente feito por desenhistas
 27 especializados em cordel. Na maioria dos casos o próprio autor vende
 28 seus livros, e por causa disto não existe o sistema de direitos au-
 29 torais. Uma coisa, porém, raramente os autores deixam de fazer: re-
 30 gistrar os originais na Biblioteca Nacional, pois é comum ouvir
 dizer entre os cantadores de cordel que "roubo de poesia é muito mais
 comum que roubo de dinheiro."

REPÓRTER

OBS:

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

1 A gráfica mais utilizada pelos trovadores do
2 Rio de Janeiro é uma gráfica situada em Caxias. " Apesar de ser
3 barata, comete muitos erros de impressão, o que desmoraliza o autor",
4 explica Paulo Teixeira de Souza. Depois de impresso, os livros são
5 vendidos pelo próprio autor e pelos trovadores amigos, em feiras,
6 praças, e locais de grande concentração popular.

7 - A gente troca os livros, não existe concor-
8 rência entre nós - explica Paulo. - Eu vendo os dos meus amigos,
9 e eles vendem os meus, tudo para a implantação da arte nesta terra.

10 Alguns livros da primeira tiragem são remeti-
11 dos para o nordeste, onde determinados distribuidores especializados
12 em literatura de cordel se encarregam de coloca-los ao alcance do
13 público. Em troca, estes mesmos distribuidores mandam seus livros
14 aos trovadores cariocas, que compram o material sem olhar o que tem
15 dentro, "pelo peso", e conforme diz o trovador José Felício.

16 Os melhores lugares para vendagem no Rio de
17 Janeiro são: o Largo do Machado, a Praça Serzedelo Correa e a Feira
18 do Nordeste, ~~xxxxxx~~ realizada no Campo de São Cristóvão aos domin-
19 gos. Paulo Teixeira de Souza, entretanto, resolveu fazer uma expe-
20 riência inédita: oferecer seus cordeis nas ruas da Zona Sul, duran-
21 te a noite, principalmente nos bares que ficam abertos depois das
22 24 horas. Vende uma média de 30 livros, ao preço de Cr\$ 7,00 cada
23 um, "porque gente rica pode pagar mais caro", e esta vendagem lhe
24 dá condições de viver e continuar editando seus trabalhos. x Paulo
25 também é responsável por outra inovação: colocar anúncio de casas
26 comerciais nas capas internas dos seus livros, o que diminui sen-
27 sivelmente o custo de produção.

28 - Quem decide o que é bom é x o povo, o povo
29 ignorante, que mal tem condições para ler, mas que tem muita sensi-
30 bilidade, - explica Paulo. - Depois que o povo decide, vira moda
e os intelectuais compram a idéia. Assim aconteceu com Roberto Car-
los e assim está acontecendo com a literatura de cordel. Um livro
nosso para ser sucesso tem que vender no mínimo 2.000 exemplares,

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK.

Hora de Entrega à Oficina

1 mas já há casos de livros que atingiram os 100.000 vendidos. As
2 vezes sai um livro que a gente vende mas parece que a gente tá dando
3 de graça, tal o número de pessoas que procuram.

4 Paulo Teixeira de Souza conta ainda que muitas
5 vezes seu trabalho pode ser usado para ajudar os outros. Uma vez um
6 pai de família procurou-o para que fizesse um cordel sobre seu filho
7 que estava preso por roubo, achando que comovendo o povo conseguiria
8 um novo julgamento para seu filho. Mas Paulo não aceitou porque acha
9 que "a justiça está sempre certa." Ele acorda sempre as 11 horas
10 da manhã, toma o café, e vai escrever seu próximo livro, ou tentar
11 terminar o livro da sua vida. As duas da tarde toma um ônibus e vem
12 para a cidade, onde fica vendendo seus livros até as 20 hs. Então
13 parte para o Largo do Machado, praça Serzedelo Correa, e os bares
14 noturnos da Zona Sul, onde encontra sua maior freguesia. Só volta
15 para a casa as 4 horas da manhã, porque depois de meia-noite não tem
16 ônibus de volta.

17 - Tenho planos para ir a Belo Horizonte reunir
18 todo o material sobre o Aleijadinho e fazer um livro, um livro que
19 será patrimônio da nação, - explica Paulo. - "Eu sei que um dia eu
20 vou ficar famoso com poesia. E um dia gravarei para o MEC os meus
21 versos, que assim não se perderão com o tempo.
22
23
24
25
26
27
28
29
30